

21 MAR 1993

6 Con. Brasil

26 MAR 1993

— JORNAL DA TARDE

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE SÃO PAULO
Av. Engº Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-900
São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO
Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

11 MAR 1993

Diretor Responsável
RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita

Ruy Mesquita

César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade
Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação
Fernão L. Mesquita

Diretor Executivo
Fernando L. Mitre

Editor Chefe
Celso Kinjô

Diretor Superintendente
Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial
Roberto Crissiuma Mesquita

Diretor Agência Estado
Rodrigo L. Mesquita

Pizza

O sr. Paulo Haddad passou todo o seu breve período no Ministério da Fazenda tentando esconder do presidente rabugento que o que ele chamava de **precondições** para o lançamento de um plano de estabilização da economia era o próprio plano, que ele já começara a executar tentando botar ordem nas finanças do governo.

Genericamente, o ex-ministro agrupava o que chamava de **precondições** em três grandes grupos de medidas: o ajuste fiscal, o acerto das imensas dívidas recíprocas dentro do setor público e a normalização das relações com a comunidade financeira internacional. Nas entrevistas que concedeu nos últimos dias para defender-se da acusação veiculada pela imprensa de que preparava uma verdadeira bomba contra a economia de mercado, Haddad explicou os pontos do programa que vinha colocando em prática.

No caso do ajuste fiscal, era evidente que, além de obter do Congresso a aprovação do IPMF, ele teria que cortar despesas, pois o governo precisaria gerar superávit suficiente para reduzir a dívida interna, que era uma de suas metas. Haddad pretendia, também, separar claramente as contas do Banco Central e do Tesouro Nacional, para eliminar os canais de financiamento inflacionário dos gastos do governo e, assim, dar mais força para o BC exercer rigoroso controle sobre a expansão da moeda e do crédito. Por fim, ele pretendia acelerar o programa de privatização, para estancar fontes de desperdício e, portanto, de déficit, e, também, para fazer caixa para reduzir a dívida interna.

No caso das dívidas recíprocas entre órgãos do governo — que ele chama de “imensos passivos da economia brasileira” —, Haddad incluía os calotes internos mútuos, como os existentes entre as empresas do setor elétrico, a dívida dos Estados e municípios para com a União e a Previdência, os recursos que o Tesouro deveria repassar por força de lei, mas não repassou, e grandes rombos existentes em fundos administrados pelo governo, como o FGTS e o Sistema Financeiro da Habitação. Além disso ele pretendia dar liberdade ao Banco Central para agir com o rigor necessário para impedir que os bancos estaduais funcionem como verdadeiros emissores de moeda.

O acerto com os credores externos é providência indispensável para permitir o retorno dos investimentos e dos financiamentos internacionais ao País, necessários para a retomada do crescimento.

Mas Itamar Franco, que não entende bulhufas de economia, exigia um **Plano Abracadabra**, que eliminasse a inflação da noite para o dia ao simples pronunciamento da palavra mágica, e por isso teve mais um dos seus acessos de raiva quando o ex-ministro — mentindo construtivamente, diga-se de passagem — falou em 90 dias, no mínimo, para concluir um plano completo, embora soubesse, como todos os economistas competentes do Brasil sabem, que o rendimento pleno em termos de baixa da inflação dessas **precondições**, quando elas são aplicadas com o rigor necessário, não se obtém nem em 90, nem em 190 dias, mas em um bom número de anos, como aconteceu em todos os países que tiveram a sorte de ter condições políticas para aplicar

essas medidas muito antes que o Brasil. O México, que é hoje uma espécie de modelo de plano de estabilização e modernização da economia bem-sucedido, levou todos os seis anos do governo De la Madrid aplicando essas **precondições**, para poder apresentar, no governo Salinas, os resultados que, hoje, fazem brasileiros morrer de inveja.

Paulo Haddad fracassou na sua tentativa de driblar a ignorância de seu superior hierárquico.

Tentando incluir o Banco Central no loteamento entre políticos do Estado brasileiro, Itamar criou o incidente que redundou na sua demissão, na nomeação de Eliseu Resende para substituí-lo e no esboço de crise que essa nomeação provocou.

Hoje, depois da ida do novo ministro ao Senado, a crise está superada. Mais uma vez ficou demonstrado que as reações do **Brasil real** às demonstrações diárias de despreparo de Itamar para exercer a Presidência da República nada têm a ver com as reações que essa incompetência provoca no **Brasil oficial**.

Ali, todo mundo, ou quase todo mundo, está satisfeito com as vantagens que pode tirar da ordem (ou desordem) vigente, mesmo porque o presidente Itamar Franco não ameaça o futuro político de ninguém, não ameaça concorrer com ninguém na próxima disputa do supremo butim, que se deve iniciar oficialmente depois do plebiscito de 21 de abril. Isso só poderia acontecer se seu governo viesse a ter um êxito espetaculoso na luta contra a inflação, o que todo mundo ali, na **Metrópole**, como nós todos aqui da **Colônia**, sabe que é absolutamente impossível.

Por isso, ao contrário do que temeram, por alguns momentos, alguns ministros mais responsáveis e, por isso, mais preocupados com a capacidade de Itamar de fazer bobagens, o novo ministro Eliseu Resende não teve qualquer problema com os senadores, e a aprovação do IPMF está garantida. A “declaração de intenções” do novo ministro, em 15 pontos, prenunciando a simples continuação do Plano Haddad, mereceu aplausos de todos os senadores. O que, afinal, é bom para todos, uma vez que, ao que tudo indica, Eliseu Resende tem as condições que Paulo Haddad não tinha para convencer o presidente rabugento de que não existe **Plano Abracadabra** nenhum. Com as **precondições** oficializadas como plano de estabilização propriamente dito, estaremos, finalmente, iniciando a longa caminhada realizada pelo México, pelo Chile, pela Argentina e tantos outros países que superaram crises em tudo semelhantes à nossa.

Enquanto isso, o banquete fisiológico do governo Itamar continua, com quase todos os membros do Congresso Nacional sentados à mesa, de guardanapo amarrado nos respectivos pescoços e garfo e faca nas mãos, continuando a deglutir pedaços que lhes são servidos da imensa **PIZZA** que é o Estado nacional.

Assim, estão ganhando forças para brigar entre si na luta eleitoral que se inaugura oficialmente logo adiante.

Se Itamar tiver o bom senso de trancar o seu **bobageiro** e jogar a chave fora, não terá grandes aborrecimentos até o fim dos 18 meses que lhe faltam.